

(aprendendo) Direitos Humanos  
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 19, março 2017, Editorial]

## Saúde da Mulher Trabalhadora: uma forja sem vigilância

Estamos no mês em que muito se fala e comemora a representação social da mulher. Daqui saudamos toda a militância em defesa dos direitos das mulheres. Contudo ficam as perguntas: o que a mulher quer? O que o mundo, principalmente o do trabalho, quer da mulher? As dificuldades estão postas sobre a mesa - violência sexual, violência doméstica, assédio de todos os tipos, discriminações diversas (estéticas, raciais, culturais etc.), dificuldades de ascensão profissional e ainda diferença salarial -. Sim, quanto maior for a escolaridade das mulheres inseridas no mercado de trabalho, segundo dados do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], é maior a diferença salarial em comparação aos homens. É o retrato fiel da desigualdade, construída historicamente, herança de uma sociedade patriarcal, machista, excludente. E a carga de trabalho e as responsabilidades da mulher são maiores a cada dia. A jornada não é dupla, é tripla! Há de se conciliar o papel de profissional, mãe, esposa/companheira. O chefe espera uma profissional competente e assertiva, os filhos querem da mãe dedicação exclusiva, o marido/companheiro uma mulher atraente e atenciosa. Na família ela é vista como a responsável por administrar toda a atividade da casa, fazer compras, cuidar das roupas, higiene, alimentação, educar os filhos, desdobra-se... Haja fôlego! Isso é trabalho no melhor sentido marxista. O desgaste físico e emocional é imperioso. Que vigilância se faz nesse mundo do trabalho doméstico, onde a mulher é muitas vezes explorada, ameaçada, violentada? Equipes de vigilância em saúde do trabalhador olham a mulher somente nos ambientes tradicionais de trabalho, sob a ótica da vigilância de gênero. Seria essa a estratégia correta para a diminuição dos acidentes, mortes e adoecimento no trabalho? Ou uma hipocrisia de interesses corporativos ou sexistas? Isso não defende a mulher!

*"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamos-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez.*

*Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido."*

(Charles Chaplin, em discurso proferido no final do filme *O grande ditador*.)

Se o ambiente de trabalho e seus processos não são saudáveis para todos, jamais será saudável para a mulher. Simone de Beauvoir disse "*Não se nasce mulher, torna-se mulher*". Existe uma cultura que forja o papel social da mulher direcionado para um destino biológico e reprodutivo exclusivo. Entre numa loja de brinquedos, observe o setor das meninas: bonecas, panelas, carrinhos de bebê e afins. Compare com o setor dos meninos. Infelizmente notamos que até mesmo a política de saúde pública para as mulheres tem seu maior enfoque no seu papel reprodutivo, que é um despropósito ao observarmos o conceito ampliado de saúde e suas inúmeras interfaces. A mulher ainda é vista, fundamentalmente, como responsável pela reprodução humana. Em contrapartida o mundo do trabalho rejeita veladamente mulheres com filhos pequenos (por medo de faltas por adoecimento deles), ironiza seu *stress* como crise de TPM (tensão pré-menstrual), deprecia a gravidez e muitas vezes exige um padrão de beleza. A mulher forjada não reconhece seu papel no mundo. Debate-se entre o que quer e o que esperam dela no trabalho, na família, na comunidade. A mulher quer apenas o que ela dá ao mundo: reconhecimento por sua tripla jornada; pelo esforço de enxugar cada pinga de suor ou de lágrima; segurança para seus corpos; respeito no trabalho; diminuição da desigualdade; paridade de direitos; viver e trabalhar com saúde.

Neste mês, nosso boletim é dedicado às mulheres,  
todas são trabalhadoras.

Solidários/solidárias com a luta pelo feminino. Vigilantes.



Editorial escrito por Luciene Aguiar.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.